



A Ilha Perdida

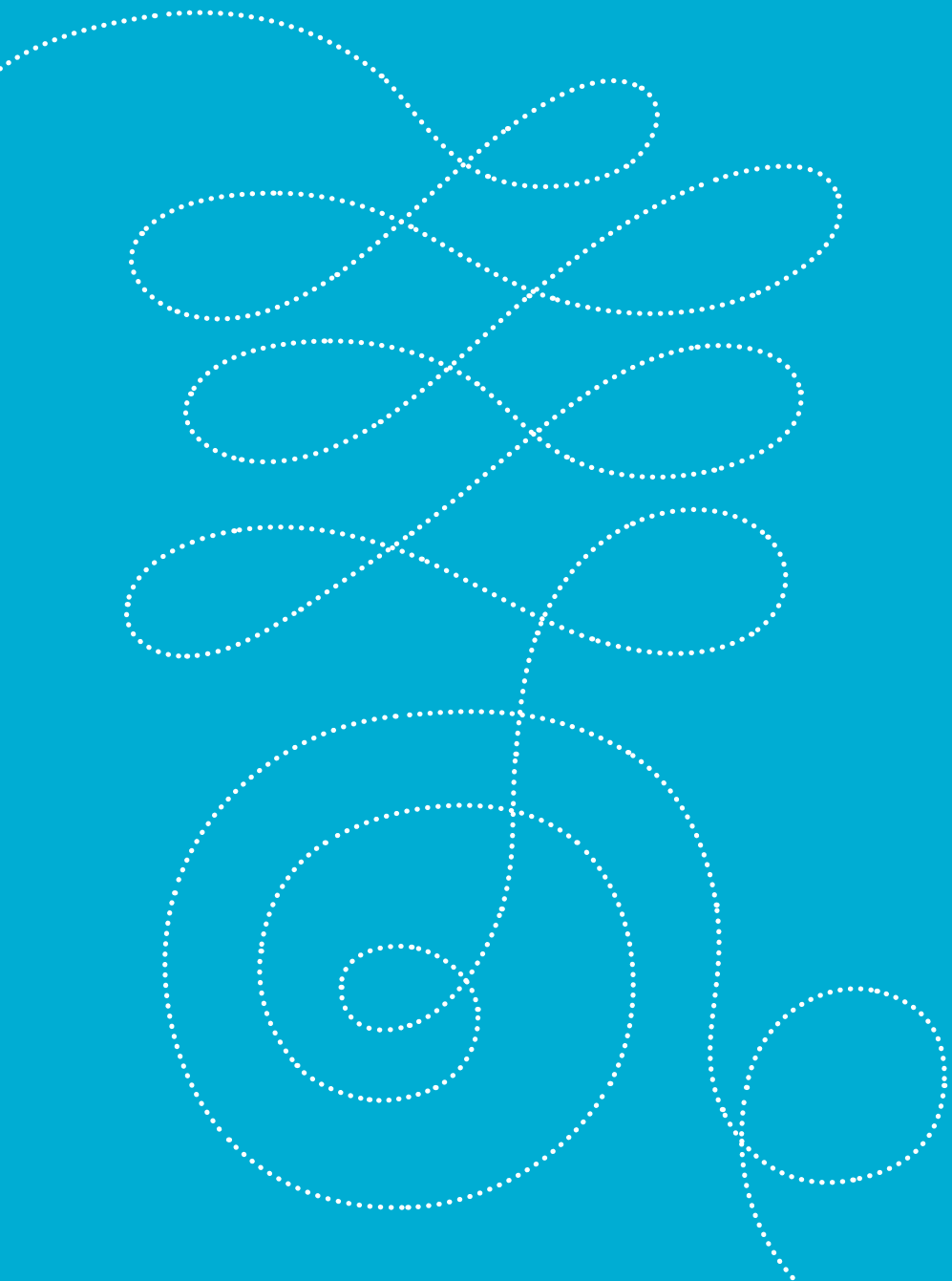
MARIA JOSÉ DUPRÉ

Série Vaga-Lume



ea

editora ática



Uma aventura que não se perdeu no tempo

EM 1944, A HUMANIDADE ENFRENTAVA UM DOS MOMENTOS MAIS SOMBRIOS E DESONROSOS DE SUA EXISTÊNCIA: a Segunda Guerra Mundial. Mas, em meio a tempos de trevas, num coincidente contraponto, foi nesse ano também que os jovens leitores brasileiros viram nascer um dos livros mais radiantes já dedicados a eles: *A Ilha Perdida*, de Maria José Dupré.

A aventura passada em uma ilha misteriosa fisgou imediatamente o público da época. Hoje, clássico absoluto, continua sendo uma das obras mais devoradas da literatura juvenil brasileira. Mas o que explica esse fenômeno?

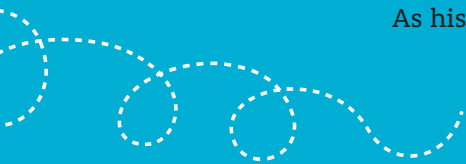
Certamente a identificação dos leitores com os personagens — cheios de coragem e sedentos por momentos de adrenalina — é um dos componentes desse sucesso atemporal. O fantástico cenário natural onde se passa a história também justifica o fascínio pela obra e traz uma questão muito atual: a importância do respeito à natureza.

Mas nenhuma dessas qualidades seria suficiente para levar *A Ilha Perdida* ao grande êxito, se a obra não tivesse em seu alicerce o estilo cativante de Dupré, que foi capaz de conquistar um dos feitos mais complexos e almejados por qualquer escritor: sugar a atenção do leitor, da primeira à última página. E isso, com certeza, nunca sairá de moda.



sumário

capítulo 1.	
A Ilha Perdida	9
capítulo 2.	
Na ilha	23
capítulo 3.	
A noite na ilha	32
capítulo 4.	
A enchente	39
capítulo 5.	
Abandonados	47
capítulo 6.	
A ilha tinha habitantes	56
capítulo 7.	
Henrique pensa que está sonhando	63
capítulo 8.	
A estranha vida do homem barbudo	67
capítulo 9.	
No mundo da macacada	75
capítulo 10.	
Henrique continua prisioneiro	87
capítulo 11.	
Morte na ilha	94
capítulo 12.	
A volta	105
capítulo 13.	
As histórias de Henrique	120



capítulo 14.

Vera e Lúcia, Pingo e Pipoca
chegam à fazenda **127**

capítulo 15.

A expedição **131**

capítulo 16.

Henrique sente saudades **139**

Saiba mais sobre Maria José Dupré **146**





1. A Ilha Perdida

NA FAZENDA DO PADRINHO, perto de Taubaté, onde Vera e Lúcia gostavam de passar as férias, corre o rio Paraíba. Rio imenso, silencioso e de águas barrentas. Ao atravessar a fazenda ele fazia uma grande curva para a direita e desaparecia atrás da mata. Mas, subindo-se ao morro mais alto da fazenda, tornava-se a avistá-lo a uns dois quilômetros de distância e nesse lugar, bem no meio do rio, via-se uma ilha que na fazenda chamavam de Ilha Perdida. Solitária e verdejante, parecia mesmo perdida entre as águas volumosas.

Quico e Oscar, os dois filhos do Padrinho, ficavam horas inteiras sentados no alto do morro conversando a respeito da ilha. Quem viveria lá? Seria habitada? Teria algum bicho escondido na mata? Assim, a distância, parecia cheia de mistérios, sob as copas altíssimas das árvores; e as árvores eram tão juntas umas das outras que davam a impressão de que não se poderia caminhar entre elas. Oscar suspirava e dizia:

— Se algum dia eu puder ver a ilha de perto, vou mesmo.

Quico perguntava:

— Não tem medo? E se tiver alguma onça morando lá?

— Onça? Não pode ter. Como é que onça vai parar lá no meio do rio?

— Nadando. Ouvi dizer que onça nada muito bem.

Oscar respondia, pensativo:

— Pode ser. Todos os bichos sabem nadar, só a gente precisa aprender; mas eu queria ver o que há na ilha. Falam tanta coisa...

E ficavam olhando a Ilha Perdida. Se falavam com o pai, este prometia:

— Quando forem mais velhos, faremos uma excursão à ilha. Arranjaremos canoas apropriadas e iremos até lá.

Os dois meninos chegavam muitas vezes a sonhar com a ilha.

Por ocasião de umas férias, justamente em fins de novembro, chegaram à fazenda Henrique e Eduardo, os dois primos mais velhos de Oscar e Quico. Eram dois meninos, de 12 e 14 anos, fortes e valentes. Montavam muito bem e sabiam nadar. Logo nos primeiros dias, percorreram sozinhos grande parte da fazenda; subiram e desceram morros, andaram por toda parte e ao verem o riozinho, onde Vera e Lúcia tinham ido pescar uma vez com Padrinho, apelidaram-no de “filhote do Paraíba”.

Madrinha avisava:

— Vocês não devem andar tão longe de casa; de repente não sabem mais voltar e perdem-se por aí.

Eles riam-se e diziam que não havia perigo; continuavam a dar grandes passeios e, quando ouviam o sino dar badaladas, tratavam de voltar depressa. No terraço da casa havia um grande sino que Padrinho costumava tocar todas as manhãs; dizia que era para acordar os dorminhocos, mas, quando Henrique e Eduardo demoravam um pouco mais nas caminhadas, Padrinho tocava três badaladas, conforme haviam combinado, e eles já sabiam que deviam regressar.

Uma tarde os quatro meninos ficaram no alto do morro olhando a Ilha Perdida. Como seria bom se tivessem uma canoa e pudessem ir ver o que havia na ilha. Eduardo, de espírito mais prático, foi logo dizendo:

— Que pode haver lá? Árvores, cipós, ninhos de passarinhos...

Henrique, com a mão no queixo, olhava pensativo em direção à ilha. Depois disse:

— Vou ver se arranjo uma canoa por aí, nem que seja emprestada ou alugada. Impossível que ninguém tenha uma canoa; eu sei remar, aprendi em Santo Amaro com uns primos.

Os olhos de Quico brilharam de contentamento:

— Você sabe mesmo remar?

Oscar disse uma frase que esfriou o entusiasmo de todos:

— Nem pensem nisso; papai não deixa. Já pedi muitas vezes e ele não deixa.

Continuaram a olhar o rio. Henrique perguntou:

— Por que a chamam de Ilha Perdida?

Quico explicou:

— Ninguém sabe direito. Decerto porque parece mesmo perdida no meio do rio. Quando viemos para cá, já a chamavam assim. O Bento disse uma vez que morava gente lá, mas não acredito. Acho que é boato, mas os moradores daqui dizem isso.

Os primos ficaram mais interessados:

— Quem mora lá? Será possível? Chame o Bento para perguntar.

Bento era o filho da cozinheira Eufrosina. Quico e Oscar começaram a gritar com toda a força:

— Bento! Oh! Bento! Vem cá!

Ouviram uma voz lá embaixo do morro respondendo:

— Já vou!

Bento estava recolhendo os bezerrinhos do pasto; quando acabou o serviço, subiu o morro bem devagar, cansado, suarento e mastigando um capim. Encontrou os quatro meninos sentados no chão e conversando a respeito do rio.

Henrique perguntou:

— Bento, você sabe se mora gente naquela ilha?

Bento olhou na direção da ilha e coçou a testa:

— Há muito tempo ouvi dizer que morava lá um homem ruim, mas nunca vi nada, não sei se é verdade.

Eduardo levantou-se e chegou mais perto de Bento:

— Você nunca viu mesmo nada? Nem um sinal de que há gente lá?

Bento hesitou, olhou o chão, tirou o capinzinho da boca e falou:

— Pra dizer a verdade, um dia eu vi uma coisa lá...

Os quatro entreolharam-se. Quico pediu:

— O que foi? Conte, conte.

— Vi uma fumacinha saindo do meio daquelas árvores mais altas lá bem à direita, estão vendo? Daquele lugarzinho vi uma vez sair fumaça.

— Só uma vez? Veja se lembra, Bento.

— Só uma vez, mas era uma fumaça comprida que ia subindo, subindo até as nuvens.

Oscar perguntou:

— E você não teve vontade de ir ver o que era?

— Eu ainda era pequeno, nem pensei nisso. Vocês nesse tempo ainda estavam em São Paulo, não tinham vindo para cá.

Quico disse:

— E por que não nos contou isso antes?

Bento respondeu:

— Ué! Nunca ninguém perguntou nada. Agora perguntaram; respondi.

Desse dia em diante, Henrique e Eduardo não falaram mais na ilha, mas não pensavam noutra coisa. Durante o dia, passeavam pelas margens do rio explorando todos os recantos. Alimentavam um único desejo: seguir aquele grande rio e ver a ilha de perto. Quando Quico e Oscar convidavam os primos para irem até o riozinho, eles iam, mas não achavam graça; não gostavam do “filhote do Paraíba”. Achavam insignificante aquele riozinho sapeca que dava mil voltas antes de ser engolido pelo grande rio. Um dia Henrique, que andara sozinho até mais abaixo da fazenda, voltou nervoso para casa e segredou ao ouvido de Eduardo:

— Descobri uma canoa velha amarrada lá embaixo na curva grande. Parece abandonada.

Eduardo, que estava saboreando um pedaço de goiabada com queijo, quase engasgou de emoção:

— Não diga! Estará boa para navegar?

— Não examinei muito bem; corri primeiro para avisar você.

— Então vamos ver.

Saíram correndo para o lado do rio; nem ouviram a voz da Madrinha:

— Não demorem muito, parece que vem chuva.

Pulando moitas, desviando-se dos galhos dos arbustos, subindo e descendo barrancos, os dois meninos foram ver a canoa amarrada na margem do rio. Eduardo foi dizendo pelo caminho:

— Não conte a ninguém a história da canoa; se Oscar e Quico souberem, vão contar ao Padrinho e não se pode fazer mais nada.

— Não conto nada, nem ao Bento.

— Nem ao Bento.

O coração de ambos batia, apressado. Iriam ver, enfim, a ilha verdejante do meio do rio? Aquela ilha tão bonita com tantas árvores, tanta folhagem, tanta beleza?

Devia estar cheia de papagaios, verde de periquitos, enfeitada de flores. Impossível que ali vivesse algum homem ruim; homens ruins não vivem em lugares bonitos como aquele.

Quando chegaram ao lado da canoa, ficaram extasiados, imaginando o passeio que dariam até a ilha. Eduardo observou:

— Está bem velha, Henrique; é capaz de encher d'água.

— Qual! — replicou Henrique. — Eu acho que está bem boa. A gente pode calafetar os lugares onde ela está estragada.

Inclinaram-se e começaram a olhar o fundo da canoa. Henrique pulou para dentro dela e, equilibrando-se, começou a rir:

— Ih! Que bom! Agora, sim, daremos belos passeios.

Eduardo era mais calmo:

— Espera, Henrique. Temos que arranjar muita coisa antes: arrumar cola para tapar os buracos, levar comida para passar o dia inteiro...

— É mesmo, nem me lembrava disso.

— Precisamos de uma caixa de fósforos para acender fogo.

— Isso eu peço pra Eufrosina; a comida também peço pra ela.

— Não vá fazer as coisas de maneira que eles descubram tudo...

— Não há perigo.

Eduardo continuou:

— Temos que levar uma lata com água para beber.

— Água? Pois não há tanta água no rio?

— Mas precisamos de água pura; essa água do rio deve ser suja, é tão escura. Temos que levar também faca ou canivete.

— Levo meu canivete. E o principal é não contar nada lá na fazenda; se desconfiarem de alguma coisa, não nos deixam ir.

— Naturalmente não se conta nada, nem deixamos que eles desconfiem.

Meia hora depois, voltaram para casa, ainda excitados com a novidade. Não dormiram bem durante a noite; Henri-

que acordou Eduardo duas vezes para perguntar se a canoa não teria dono.

Tinham resolvido seguir para a ilha na terça-feira e estavam ainda no domingo. Precisavam preparar tudo no dia seguinte.

Na segunda-feira de manhã bem cedo, Henrique teve uma ideia: tirar a canoa do lugar onde estava e escondê-la mais longe; assim, se alguém a procurasse, não a acharia mais. Foram para lá e com grande dificuldade tentaram puxá-la para a terra, mas não conseguiram; então resolveram cortar muitos galhos de árvore e cobriram-na para que ninguém a encontrasse. Foram depois falar com Nhô Quim, o homem que lidava com as vacas no estábulo. Ele estava limpando as unhas com a ponta do facão. Eduardo falou:

— Nhô Quim, viemos pedir um favor ao senhor.

Ele enfiou o facão no cinto de couro:

— Que é que estão querendo?

Henrique foi dizendo:

— Uma corda boa, dessas com que o senhor amarra bezerro.

— Gentes, para que querem uma corda?

Eduardo piscou para Henrique e falou:

— Queremos fazer um balanço numa árvore do pomar.

Nhô Quim observou:

— Só falando com o patrão; não posso dar corda assim sem mais nem menos.

Eduardo pediu:

— Ora, Nhô Quim, faça esse favor. Não precisa ser corda muito nova, uma velha mesmo serve; a gente emenda os pedaços ruins.

Pacientemente, Nhô Quim tornou a tirar o facão do cinto, picou fumo bem miudinho para um cigarro de palha e enrolou-o enquanto ouvia as súplicas dos dois meninos. Depois disse:

— Se não se importam que a corda seja velha, levem essa que está aí na cerca. Pra alguma coisa ela serve.

— Muito obrigado, Nhô Quim. Muito obrigado.

A corda estava arranjada. Durante a noite, haviam lembrado que, para tapar os buracos da canoa, era preciso estopa e piche. Muitas vezes tinham visto a lata de piche encostada num canto da casa; servia para passar no terreiro onde espalhavam o café. Mas onde arranjar um pedaço de estopa? Foram à cozinha. Eufrosina estava preparando o almoço; Henrique falou primeiro:

— Eufrosina, você tem aí um pedaço de estopa velha? É para enrolar uma avenca muito bonita que encontramos na beira do rio.

Eufrosina voltou-se, despejou na palma da mão um pouco do caldo que estava mexendo e provou estalando a língua:

— Para embrulhar avenca não se precisa estopa. Espere aí que dou um pedaço de pano velho.

Eduardo olhou para Henrique; Eufrosina tornou a provar o caldo e a estalar a língua. Eduardo falou, resolutivo:

— Queremos estopa mesmo; senão, não serve. Será que você não arranja? De algum saco velho?

Ela perguntou: